

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO GRANDE DO SUL  
CAMPUS FELIZ

**ERA UMA VEZ: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA EM BRANCA DE NEVE E SEU  
IMPACTO NA INFÂNCIA**

DANIELA VIEIRA FOSS

Feliz, outubro de 2025.

DANIELA VIEIRA FOSS

**ERA UMA VEZ: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA EM BRANCA DE NEVE E SEU  
IMPACTO NA INFÂNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para aprovação no curso superior de Licenciatura em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz.

Orientadora: Profa. Dra. Loiva Salete Vogt

Feliz, outubro de 2025.

## RESUMO

Os contos de fadas desempenham um papel essencial na formação do imaginário infantil, transmitindo valores, crenças e símbolos que influenciam a percepção das crianças sobre o mundo ao seu redor. Dentre essas narrativas, o conto “Branca de Neve” se destaca por sua rica simbologia, trazendo elementos como a maçã envenenada, o espelho mágico e a dualidade entre a protagonista e a Rainha Má. O presente trabalho busca analisar como essas representações simbólicas impactam o desenvolvimento infantil, auxiliando na construção da moralidade e da identidade das crianças. Além disso, a pesquisa discute a representação feminina na história, considerando uma abordagem crítica e feminista sobre os papéis de gênero na narrativa e seus reflexos na sociedade contemporânea. Para isso, utiliza-se uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica e análise interpretativa do conto.

**Palavras-chave:** contos de fadas; Simbologia; Branca de Neve; desenvolvimento infantil; crítica feminista.

## ABSTRACT

The Fairy tales play a fundamental role in shaping children's imagination, conveying values, beliefs, and symbols that influence their perception of the world. Among these narratives, the tale "Snow White" stands out for its rich symbolism, featuring elements such as the poisoned apple, the magic mirror, and the duality between the protagonist and the Evil Queen. This study aims to analyze how these symbolic representations impact child development, contributing to the construction of morality and identity. Additionally, the research discusses the female representation in the story, considering a critical and feminist approach to gender roles in the narrative and their reflections in contemporary society. To achieve this, a qualitative approach is used, based on a bibliographic review and interpretative analysis of the tale.

**Keywords:** fairy tales; symbolism; Snow White; Child development; feminist critique.

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>6</b>  |
| <b>2</b> | <b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>  | <b>8</b>  |
| 2.1      | Apresentação do objeto de estudo.....   | 8         |
| 2.1.1    | Contos de fadas e o imaginário infantil.....                                    | 8         |
| 2.1.2    | A simbologia no conto “Branca de Neve”.....                                     | 9         |
| 2.1.3    | Representações femininas e seus impactos .....                                  | 9         |
| 2.2      | Referencial teórico .....   | 10        |
| 2.3      | Comparações entre as versões de Branca de Neve .....                            | 11        |
| 2.3.1    | A versão dos Irmãos Grimm.....  | 11        |
| 2.3.2    | A versão da Disney (1937).....  | 12        |
| 2.3.3    | Releituras contemporâneas .....   | 12        |
| 2.3.4    | Simbologias e mudanças culturais .....  | 13        |
| 2.4      | A literatura infantil como expressão simbólica.....                             | 13        |
| 2.4.1    | A função simbólica da literatura infantil na formação da subjetividade .....    | 19        |
| 2.5      | Os símbolos presentes em Branca de Neve .....                                   | 20        |
| 2.6      | Gênero, representação feminina e sociedade no conto Branca de Neve .....        | 23        |
| 2.6.1    | A influência das representações simbólicas de gênero no imaginário infantil ... | 24        |
| <b>3</b> | <b>O IMAGINÁRIO INFANTIL E SUA CONSTRUÇÃO .....</b>                             | <b>26</b> |
| 3.1      | A formação do imaginário na infância .....                                      | 26        |
| 3.1.1    | O papel da narrativa simbólica na subjetividade.....                            | 27        |
| 3.2      | Contos de fadas na educação .....   | 28        |
| 3.2.1    | A utilização pedagógica dos contos de fadas .....                               | 28        |
| 3.2.2    | A mediação crítica e a desconstrução de estereótipos.....                       | 29        |
| 3.3      | Adaptações contemporâneas e impactos culturais .....                            | 31        |
| 3.3.1    | A influência da mídia nas releituras dos contos.....                            | 31        |
| 3.3.2    | Representações femininas nas versões modernas .....                             | 31        |
| 3.4      | A psicologia por trás da simbologia.....  | 33        |
| 3.4.1    | Arquétipos e inconsciente coletivo .....  | 33        |
| 3.4.2    | Função terapêutica dos contos de fadas .....                                    | 34        |
| 3.5      | A intertextualidade nos contos de fadas .....                                   | 35        |
| 3.5.1    | Intertextualidade e ressignificação literária .....                             | 35        |
| 3.5.2    | Branca de Neve e suas releituras culturais .....                                | 35        |
| 3.6      | Contos de fadas e questões de gênero na educação .....                          | 37        |
| 3.6.1    | A influência das narrativas no comportamento social.....                        | 37        |
| 3.6.2    | Educação para a equidade: estratégias pedagógicas .....                         | 37        |
| 3.7      | A linguagem simbólica na construção da moralidade infantil.....                 | 39        |
| 3.7.1    | Função moral dos contos tradicionais .....                                      | 39        |
| 3.7.2    | A ética nos contos de fadas e a formação de valores .....                       | 39        |
| 3.8      | Tecnologia, mídia e o futuro dos contos de fadas.....                           | 40        |
| 3.8.1    | A digitalização das narrativas infantis .....                                   | 40        |

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| 3.8.2    | Redes sociais e a permanência dos arquétipos.....                     | 41        |
| 3.9      | O papel dos contos de fadas na formação da identidade infantil.....   | 42        |
| 3.9.1    | A identidade como construção simbólica.....                           | 42        |
| 3.9.2    | Personagens como espelhos: identificação e projeção na infância ..... | 42        |
| <b>4</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>44</b> |
| <b>5</b> | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>47</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, os contos de fadas têm exercido um papel crucial na construção do imaginário infantil, atravessando diferentes culturas e épocas por meio de narrativas que combinam elementos fantásticos e lições morais. Essas histórias não se limitam ao entretenimento; elas também desempenham funções educativas, emocionais e sociais, ajudando as crianças a compreender conceitos de bem e mal, justiça e injustiça, coragem e superação. Entre as histórias mais populares, o conto “Branca de Neve” se destaca pela riqueza simbólica e pelas múltiplas interpretações que suscita (Bettelheim, 2002).

A simbologia contida em “Branca de Neve” exerce forte influência sobre a formação da identidade e da moralidade na infância. Elementos como a maçã envenenada, o espelho mágico e a figura da Rainha Má, em oposição à protagonista, carregam significados profundos relacionados a temas como vaidade, inveja, poder e pureza. Tais símbolos dialogam com questões inconscientes e sociais, tornando-se ferramentas importantes para a compreensão do desenvolvimento infantil (Jung, 1964; Costa, 2021).

O presente estudo tem como objetivo analisar como esses símbolos influenciam o imaginário infantil e colaboram para a formação emocional e social da criança. Para tanto, será utilizada uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise interpretativa, com base na teoria de Bruno Bettelheim sobre a função simbólica dos contos de fadas e em aportes da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. A questão central da pesquisa é: como as simbologias presentes no conto “Branca de Neve” interferem na construção do imaginário infantil?

Dentre os objetivos específicos, destacam-se: (a) identificar e interpretar os símbolos presentes no conto; (b) analisar como esses símbolos aparecem em duas versões distintas da história; e (c) discutir as representações femininas no texto, à luz de uma perspectiva crítica e feminista, considerando a intertextualidade em releituras contemporâneas (Rowe, 1979; Zipes, 2011).

A relevância deste estudo está no fato de que os contos de fadas, embora tradicionais, continuam presentes no repertório cultural das crianças, seja por meio da literatura, seja por adaptações midiáticas. Compreender os impactos simbólicos dessas narrativas significa refletir sobre os mecanismos que influenciam a formação do imaginário infantil e as representações de gênero na sociedade atual. A análise crítica permite não apenas a valorização da literatura infantil como patrimônio cultural, mas também sua ressignificação pedagógica (Tatar, 1987).

Outro aspecto importante é a influência que esses contos exercem na construção de

expectativas sociais, especialmente no que se refere ao papel da mulher. Personagens como Branca de Neve e a Rainha Má revelam padrões de comportamento que atravessam gerações, reforçando ideais de feminilidade baseados em beleza, passividade ou controle. A leitura crítica dessas representações pode contribuir para desconstruir estereótipos e promover práticas educativas mais inclusivas e igualitárias (Apostolidès, 1997).

Por fim, cabe ressaltar que, mesmo diante da modernidade, os contos de fadas mantêm sua atualidade, adaptando-se às demandas culturais e sociais de cada época. A permanência dessas histórias demonstra sua relevância simbólica e sua capacidade de dialogar com questões universais da experiência humana, fazendo delas ferramentas essenciais para a compreensão da infância e da formação subjetiva (Warner, 1994).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Apresentação do objeto de estudo

Os contos de fadas sempre ocuparam um lugar de destaque na formação do imaginário infantil, estando presentes nas tradições orais e, posteriormente, na literatura escrita. Essas narrativas, carregadas de simbolismos, contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, além de transmitirem valores sociais e culturais. De acordo com Costa (2021), esse tipo de narrativa permite à criança lidar com conflitos internos de forma simbólica, auxiliando na compreensão do mundo ao seu redor.

Entre os diversos contos conhecidos, “Branca de Neve” é um dos mais analisados e adaptados ao longo do tempo. Registrado pelos Irmãos Grimm no século XIX, esse conto atravessou gerações, sendo reinterpretado em diferentes contextos culturais, sempre mantendo sua essência simbólica (Grimm, 1812). A história é composta por elementos como a maçã envenenada, o espelho mágico e a rivalidade entre a jovem protagonista e a Rainha Má, que representam aspectos ligados à moralidade, ao poder e à construção da identidade.

O presente trabalho tem como objeto a análise desses símbolos presentes em “Branca de Neve”, buscando compreender como eles influenciam a formação do imaginário infantil. Essa análise não se limita à narrativa original, mas considera também como as representações de gênero aparecem na história, destacando a importância de refletir criticamente sobre a perpetuação de papéis femininos idealizados. Conforme aponta Rowe (1979), muitos contos de fadas reforçam a imagem da mulher submissa, enquanto figuras femininas com maior poder são tratadas como vilãs.

Assim, este estudo pretende investigar os impactos simbólicos desse conto tanto no âmbito psicológico quanto no sociocultural, evidenciando como a literatura infantil atua na formação da subjetividade e na transmissão de padrões culturais. A escolha de “Branca de Neve” como objeto de pesquisa se justifica pela riqueza simbólica de sua narrativa e pela forte presença que mantém no repertório literário e midiático contemporâneo.

#### 2.1.1 Contos de fadas e o imaginário infantil

Os contos de fadas são narrativas transmitidas há séculos, inicialmente de forma oral e, posteriormente, registradas por autores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm. Essas histórias exercem um papel significativo na infância, auxiliando na construção da identidade, moralidade e percepção do mundo. Segundo Costa (2021), os contos de fadas funcionam como um meio de expressão simbólica, permitindo que a criança elabore conflitos internos e compreenda conceitos

fundamentais sobre a vida, como a luta entre o bem e o mal, a superação de desafios e a construção de valores.

Bettelheim (2002) reforça essa ideia ao afirmar que os contos de fadas possibilitam à criança projetar suas angústias e desejos em personagens e situações fictícias, promovendo um aprendizado emocional profundo. Ele destaca que essas narrativas oferecem conforto psicológico, pois mostram que obstáculos podem ser superados e que o crescimento pessoal é possível. Essa perspectiva psicanalítica é essencial para entender o impacto das histórias na formação infantil.

Além do aspecto emocional, Capellini, Machado e Sade (2015) analisam a relevância dos contos de fadas como recurso educativo. Em seu estudo, as autoras demonstram que essas narrativas podem ser utilizadas na educação inclusiva, auxiliando crianças com deficiência intelectual no desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da interação social. Assim, os contos não apenas entretêm, mas também cumprem uma função pedagógica fundamental.

### 2.1.2 A simbologia no conto “Branca de Neve”

O conto “Branca de Neve” apresenta uma estrutura narrativa repleta de simbolismos, os quais desempenham um papel crucial na construção do imaginário infantil. De acordo com Bettelheim (2002), um dos principais símbolos da história é a maçã envenenada, que representa a transição da infância para a maturidade. A cena na qual Branca de Neve é enganada pela Rainha Má simboliza o despertar para os perigos do mundo e a necessidade de aprendizado diante das adversidades.

Outro símbolo relevante é o espelho mágico, que reflete a vaidade e a busca pela perfeição. Souza (2020) aponta que esse elemento representa a construção da identidade baseada na aparência e na validação externa, um tema que permanece atual na sociedade contemporânea. A obsessão da Rainha Má com sua própria beleza pode ser vista como um reflexo das pressões sociais sobre padrões estéticos, influenciando a autopercepção das crianças desde cedo.

Além disso, os sete anões desempenham um papel simbólico importante na narrativa. Silva (2018) sugere que eles representam o mundo do trabalho e a coletividade, oferecendo abrigo e proteção para Branca de Neve. Essa interpretação reforça a ideia de que o crescimento pessoal depende tanto do esforço individual quanto do apoio do meio social.

### 2.1.3 Representações femininas e seus impactos

A análise das personagens femininas em “Branca de Neve” revela contrastes

significativos entre a protagonista e a antagonista. Enquanto Branca de Neve é retratada como pura, submissa e passiva, a Rainha Má é representada como uma mulher poderosa, mas cuja ambição a leva à destruição. De acordo com Silva (2018), essa dualidade reflete construções históricas dos papéis femininos, onde a docilidade é premiada e a busca por autonomia é punida.

Rowe (1979) argumenta que muitos contos de fadas perpetuam a ideia de que a mulher deve ser salva pelo homem, como ocorre no desfecho de “Branca de Neve”, quando a protagonista desperta apenas com o beijo do príncipe. Esse padrão narrativo reforça a dependência feminina, um conceito que tem sido contestado por versões contemporâneas dos contos, que buscam ressignificar o papel da mulher nessas histórias.

No entanto, estudos recentes sugerem que a interpretação dos contos pode ser adaptada para uma abordagem mais crítica e educativa. Souza (2020) destaca que discutir essas representações em sala de aula permite incentivar uma visão mais reflexiva sobre os papéis de gênero, ajudando as crianças a desenvolverem um pensamento mais questionador e inclusivo.

Dessa forma, a revisão da literatura aponta que os contos de fadas, especialmente “Branca de Neve”, possuem um forte impacto na construção do imaginário infantil, influenciando desde a formação da identidade até a percepção dos papéis sociais. O estudo dessas narrativas sob uma perspectiva simbólica e crítica possibilita não apenas compreender melhor o desenvolvimento infantil, mas também propor novas formas de abordar essas histórias na educação contemporânea.

## 2.2 Referencial teórico

O estudo da literatura, especialmente quando aplicada ao universo infantil, exige uma compreensão ampla sobre seus fundamentos, significados e funções sociais. Para isso, diversos autores se dedicaram a discutir o papel da literatura e dos contos de fadas na formação cultural, psicológica e emocional dos indivíduos. Eagleton (2006) afirma que a definição do que é literatura não está na origem da obra, mas no modo como ela é percebida pelo leitor. Assim, textos que antes não eram considerados literários podem adquirir esse status conforme sua recepção social, o que inclui os contos de fadas, frequentemente vistos como simples narrativas para crianças, mas que possuem relevância estética e simbólica.

Entre os teóricos mais influentes sobre a função dos contos de fadas está Bruno Bettelheim (2002), que, em sua obra *A psicanálise dos contos de fadas*, ressalta a importância dessas histórias para o desenvolvimento infantil. O autor argumenta que, por meio da linguagem simbólica, os contos ajudam a criança a lidar com angústias e desejos inconscientes, oferecendo

modelos de superação para seus conflitos internos. Essa perspectiva revela que os contos de fadas vão além do entretenimento, atuando como instrumentos de construção psíquica e emocional.

Outro referencial essencial é Carl Gustav Jung (1964), que considera os contos de fadas como expressões do inconsciente coletivo, carregados de arquétipos universais. Para o autor, elementos como a madrasta, o espelho mágico e a maçã envenenada em “Branca de Neve” são manifestações simbólicas de experiências humanas atemporais. Esses símbolos comunicam à criança, de forma intuitiva, valores, medos e expectativas, ajudando-a a compreender aspectos fundamentais da vida.

Maria Tatar (1987) contribui com a análise histórica e cultural dos contos, enfatizando que eles refletem as complexidades da experiência humana e não devem ser reduzidos a simples histórias para crianças. Na mesma linha, Apostolidès (1997) ressalta que os contos de fadas funcionam como mecanismos de perpetuação de padrões sociais e culturais, estabelecendo modelos de comportamento, identidade de gênero e relações de poder. Esses aspectos tornam indispensável uma leitura crítica, capaz de questionar estereótipos presentes nessas narrativas.

Zipes (2011), por sua vez, defende que os contos de fadas são também instrumentos de transformação social, pois podem ser reinterpretados de acordo com novos contextos históricos e culturais. Essa possibilidade de ressignificação abre espaço para a desconstrução de representações tradicionais, sobretudo no que diz respeito à figura feminina, muitas vezes associada à passividade ou ao ideal de beleza como forma de reconhecimento social.

O referencial teórico deste trabalho se sustenta na articulação entre literatura, psicologia e crítica cultural, abordando os contos de fadas como expressões simbólicas que influenciam a construção do imaginário infantil e a formação da subjetividade. Essa perspectiva evidencia a importância de compreender os contos não apenas como um gênero literário, mas como um fenômeno cultural que molda comportamentos e valores ao longo do tempo.

## **2.3 Comparações entre as versões de Branca de Neve**

### **2.3.1 A versão dos Irmãos Grimm**

A versão de "Branca de Neve" registrada pelos Irmãos Grimm em 1812 apresenta elementos sombrios e um tom moralizante característico dos contos de fadas tradicionais. Na narrativa, a rainha maligna ordena que o caçador mate Branca de Neve e traga seu fígado e pulmões como prova. Porém, o caçador se compadece e entrega órgãos de um javali. Branca de Neve encontra refúgio na casa dos sete anões, onde permanece escondida até ser enganada três

vezes pela rainha, que utiliza diferentes estratégias para tentar matá-la: um espartilho apertado, um pente envenenado e, finalmente, a famosa maçã envenenada (Grimm, 1812).

A personagem feminina é retratada de forma passiva, aguardando a salvação do príncipe. No desfecho da versão original, a rainha recebe um castigo cruel, sendo obrigada a dançar até a morte com sapatos de ferro incandescentes (Grimm, 1812). Esse final enfatiza a justiça punitiva, característica recorrente nas histórias infantis da época, com o objetivo de ensinar lições morais.

### 2.3.2 A versão da Disney (1937)

A versão animada da Disney, lançada em 1937, trouxe alterações significativas na narrativa para adequá-la ao público infantil e aos valores predominantes na sociedade estadunidense da década de 1930. Diferente da versão dos Irmãos Grimm, a rainha maligna tenta matar Branca de Neve apenas uma vez, usando a maçã envenenada. O tom sombrio é atenuado por elementos cômicos, como a interação dos anões e dos animais da floresta (Disney, 1937).

Outro aspecto marcante da adaptação da Disney é a forma como Branca de Neve é retratada. Na animação, a princesa é extremamente gentil, ingênua e submissa, refletindo o ideal de feminilidade da época, que valorizava a docilidade e a obediência (Zipes, 1995). Além disso, o papel do príncipe é ampliado, reforçando a ideia de que o "felizes para sempre" depende do casamento com um homem nobre e salvador.

### 2.3.3 Releituras contemporâneas

Nos últimos anos, várias releituras de "Branca de Neve" buscaram subverter a narrativa tradicional, oferecendo interpretações mais modernas e questionadoras dos papéis de gênero e do conceito de heroína passiva. Em "Branca de Neve e o Caçador" (2012), por exemplo, a protagonista assume um papel ativo na história, lutando contra a rainha e não dependendo exclusivamente do príncipe para sua salvação (Sanders, 2012).

Outra interpretação interessante é apresentada na obra "The Bloody Chamber" (1979), de Angela Carter, em que a autora revisita os contos de fadas sob uma perspectiva feminista, explorando temáticas de sexualidade, poder e liberdade (Carter, 1979). A versão de Carter desafia a ideia de que a beleza e a pureza são as principais qualidades de uma heroína, mostrando personagens femininas com maior autonomia e complexidade psicológica.

#### 2.3.4 Simbologias e mudanças culturais

As diferenças entre as versões de "Branca de Neve" revelam como os contos de fadas são moldados pelas mudanças culturais e históricas. Enquanto a versão dos Irmãos Grimm refletia valores moralizantes e uma visão mais severa de justiça, a adaptação da Disney suavizou os aspectos violentos para atender ao entretenimento familiar. Já as releituras contemporâneas demonstram uma tendência a desconstruir estereótipos, promovendo novas representações femininas que desafiam a ideia da princesa passiva e submissa (Zipes, 2006).

Dessa forma, "Branca de Neve" continua a ser um conto vivo e reinterpretado, refletindo as transformações das sociedades em que é contado. Cada versão revela não apenas aspectos literários, mas também os ideais, valores e inquietações de cada época.

### 2.4 A literatura infantil como expressão simbólica

A literatura infantil ocupa um lugar de destaque no processo de desenvolvimento da criança, não apenas por entreter, mas por possibilitar a internalização de valores, normas sociais e simbologias profundas que auxiliam na construção da identidade e do imaginário infantil. As histórias contadas à infância, especialmente os contos de fadas, transcendem sua função narrativa e revelam-se como verdadeiros dispositivos de mediação cultural, emocional e psicológica.

Ao abordar o papel simbólico da literatura infantil, especialmente no que se refere aos contos de fadas, é necessário considerar o que Costa (2021) afirma: os contos funcionam como uma ferramenta expressiva que ajuda a criança a interpretar o mundo a seu redor. A autora observa que os contos de fadas possibilitam à criança acessar significados que vão além do literal, permitindo que ela lide com experiências que ainda não compreende de maneira lógica ou racional. (Costa, 2021).

Essa afirmação nos remete à ideia de que o universo simbólico presente nos contos de fadas atua como uma espécie de linguagem alternativa, acessível à criança em um momento do desenvolvimento em que ela ainda não dispõe de recursos cognitivos plenamente consolidados para compreender a realidade de forma objetiva. Em outras palavras, os contos funcionam como uma "tradução emocional" das experiências humanas, vestindo sentimentos complexos com a roupagem da fantasia.

Por meio dos símbolos presentes nessas narrativas tal qual as bruxas, florestas escuras, castelos distantes, objetos mágicos ou animais falantes, a criança é convidada a experimentar,

de forma segura e lúdica, emoções intensas como o medo, a tristeza, a inveja e a superação. Ela pode, por exemplo, sentir raiva da madrasta má, identificar-se com a vulnerabilidade da princesa, ou vibrar com a justiça no final da história, sem que para isso precise racionalizar tais sentimentos. Conforme aponta Costa (2021) a criança “acessa significados que vão além do literal, o que indica que a recepção do conto não ocorre em nível superficial, mas sim em um campo simbólico profundamente conectado à vivência emocional e subjetiva da infância.

Essa mediação simbólica permite que o conto de fadas atue como um espelho no qual a criança se vê refletida e, ao mesmo tempo, se transforma. Ao ver seus medos e desejos representados em personagens e situações fictícias, ela sente que não está sozinha em suas angústias e fantasias. Esse processo é essencial para o amadurecimento emocional, pois promove a elaboração de conflitos internos e oferece modelos narrativos para a resolução simbólica desses conflitos.

Ademais, os símbolos acionam um universo de significados culturais que são transmitidos de geração em geração, funcionando também como instrumentos de socialização. Ao ouvir a história da menina que sobrevive à inveja da madrasta, ou do príncipe que vence um dragão, a criança não está apenas sendo entretida, mas sendo inserida em uma rede de valores, moralidades e visões de mundo que moldam sua compreensão da realidade.

É importante destacar que essa recepção simbólica não depende da mediação consciente do adulto. A criança apreende os significados dos contos com base em sua experiência interna e emocional. Como observa Bettelheim (2002), a linguagem simbólica das histórias de fadas é naturalmente compreendida pela criança porque se alinha às estruturas do seu pensamento intuitivo. A lógica simbólica dos contos, portanto, comunica-se com a lógica emocional da infância.

Essa dimensão simbólica é o que garante à literatura infantil, e especialmente aos contos de fadas, sua relevância pedagógica, psicológica e cultural. A fala de Costa (2021) enfatiza a capacidade do conto de transpor a linguagem verbal explícita e atingir a criança por meio de imagens e arquétipos que ressoam com sua interioridade. Isso é particularmente importante em uma fase da vida marcada por descobertas constantes, inseguranças e questionamentos sobre o eu, o outro e o mundo.

Assim, quando uma criança escuta ou lê um conto de fadas, ela não está apenas sendo conduzida por uma fantasia qualquer, mas está, na verdade, vivenciando um processo de apropriação simbólica do mundo. Ela entende, por meio da ficção, que a vida possui dificuldades (a floresta escura), antagonismos (a madrasta ou a bruxa), ajuda inesperada (o anão, o animal falante, o objeto mágico) e possíveis soluções (a coragem, o afeto, a

inteligência).

Nesse contexto, os contos se tornam verdadeiros guias metafóricos para a existência, oferecendo narrativas de enfrentamento e superação. A criança encontra nessas histórias modelos de comportamento e pistas emocionais para lidar com suas próprias angústias, dúvidas e frustrações. Por isso, a compreensão simbólica dos contos é tão mais significativa do que sua interpretação literal: ela não responde a perguntas objetivas, mas ressoa com as perguntas internas que a criança, muitas vezes, ainda nem sabe nomear.

Portanto, como afirma Costa (2021), ao permitir esse acesso ao não-dito, ao não-explicável, os contos de fadas cumprem uma função essencial: eles educam a sensibilidade, cultivam a imaginação e ajudam a criança a desenvolver uma inteligência emocional que a preparará para a vida real. Essa é uma das principais razões pelas quais os contos de fadas continuam a atravessar séculos e culturas, permanecendo vivos, adaptáveis e profundamente significativos para cada nova geração de leitores.

Isso demonstra que a linguagem simbólica presente nos contos atua como um código acessível ao universo infantil, favorecendo a aprendizagem emocional e moral.

Essa concepção é profundamente explorada por Bruno Bettelheim (2002), um dos principais teóricos da relação entre infância e contos de fadas. Em sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, o autor propõe que essas histórias são mais do que simples narrativas de encantamento: elas são recursos essenciais para o desenvolvimento emocional e psíquico da criança. Para Bettelheim, os contos oferecem à criança a oportunidade de enfrentar, simbolicamente, seus medos inconscientes, seus desejos reprimidos e suas angústias existenciais, tudo isso em um ambiente seguro e controlado, sem consequências reais.

Segundo o autor “Os contos de fadas ajudam a criança a dar sentido à sua própria vida interna e externa, fornecendo-lhe imagens simbólicas para suas ansiedades e desejos”. (Bettelheim, 2002, p. 24).

Essa afirmação revela um dos aspectos mais significativos da literatura infantil: sua capacidade de se comunicar com o inconsciente da criança por meio de metáforas e símbolos que representam dilemas humanos universais. Ao ouvir ou ler uma história como *Branca de Neve*, a criança não está apenas acompanhando uma trama fantástica, mas está, simultaneamente, projetando suas próprias experiências emocionais nas figuras do conto. A madrasta pode simbolizar a rivalidade com uma figura materna autoritária; o espelho pode representar a busca por aceitação e identidade; e a maçã envenenada pode expressar o medo do desconhecido ou da mudança.

Para Bettelheim (2002), a eficácia dos contos de fadas está na forma como eles “falam” diretamente ao inconsciente da criança. Isso se dá porque os elementos narrativos como heróis, vilões, obstáculos e recompensas, estão estruturados como representações simbólicas de conflitos internos que fazem parte do processo de crescimento. Diferente das histórias moralizantes ou didáticas que tentam ensinar valores explicitamente, os contos de fadas permitem que a criança vivencie simbolicamente esses conflitos, elaborando-os de forma espontânea, sem imposição externa.

O autor também enfatiza que, por meio da fantasia, a criança pode experimentar e resolver, em seu mundo imaginário, sentimentos que seriam perigosos ou difíceis de lidar na vida real, como a raiva, o ciúme, a rivalidade ou o medo do abandono. Nessas histórias, a criança é convidada a se identificar com o herói ou heroína, que muitas vezes começa a jornada em posição de fragilidade, mas encontra recursos internos e externos para superar os obstáculos. Essa estrutura narrativa é profundamente terapêutica, pois oferece um modelo simbólico de superação: mostra que o sofrimento pode ser vencido e que a transformação é possível.

Nesse sentido, os contos funcionam como verdadeiros “ensaios de vida”. Como no teatro, o mundo simbólico das histórias permite que a criança represente papéis, vivencie emoções intensas, explore o bem e o mal, e experimente diferentes soluções para seus dilemas, tudo isso sem correr riscos reais. Bettelheim (2002) afirma que, ao identificar-se com os personagens, a criança pode lidar com impulsos ambivalentes, como o amor e o ódio, sem sentir culpa, pois essas emoções estão exteriorizadas nas figuras do conto. O lobo, a bruxa, a madrasta ou o dragão não são apenas vilões mas sim projeções de conteúdos internos que precisam ser reconhecidos e elaborados.

Ao considerar os contos como “espelhos simbólicos”, entende-se que eles refletem os conflitos universais da experiência humana, permitindo que a criança se veja em situações análogas às suas, ainda que fantásticas. Eles oferecem, portanto, um espaço simbólico onde os dilemas existenciais tal qual a separação dos pais, o nascimento de um irmão, o medo da morte ou da rejeição, podem ser trabalhados de forma inconsciente, simbólica e segura. É por isso que muitas crianças pedem para ouvir a mesma história várias vezes: porque, mesmo sem entender racionalmente, reconhecem ali algo que ressoa com seus sentimentos e necessidades internas.

Ademais, ao possibilitar esse enfrentamento simbólico dos conflitos, os contos de fadas também contribuem para o fortalecimento do ego. Conforme Bettelheim (2002), a criança, ao acompanhar a trajetória do herói, internaliza a ideia de que é possível vencer os obstáculos da vida com coragem, perseverança e inteligência. Esse processo ajuda na construção da autoestima e na formação de uma identidade mais segura, capaz de lidar com frustrações e

desafios.

Portanto, os contos de fadas entretêm, mas também cumprem uma função estruturante na vida psíquica da criança. Eles oferecem narrativas que dão forma aos sentimentos, organizam o caos emocional e fornecem modelos simbólicos para a resolução de conflitos. A literatura infantil, especialmente os contos tradicionais, atua, assim, como um território simbólico de experimentação emocional, onde a criança pode projetar, explorar e transformar suas vivências internas de forma simbólica e criativa.

Dessa forma, compreende-se que a proposta de Bettelheim vai além da análise literária: trata-se de reconhecer nos contos de fadas uma ferramenta terapêutica, educativa e formativa. Seu trabalho reforça a ideia de que, para além da estética e do enredo, o que faz dos contos de fadas uma forma tão poderosa de literatura é justamente sua capacidade de falar diretamente à alma da criança, de tocar aquilo que é mais essencial, mais íntimo e mais humano em cada um de nós.

A literatura infantil, portanto, contribui para o processo de individuação da criança, conforme abordado por Carl Gustav Jung (1964). Para ele, os contos de fadas são expressões puras dos processos do inconsciente coletivo, trazendo à tona imagens arquetípicas que organizam a experiência humana. Segundo o autor “Os contos de fadas são a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”. (Jung, 1964, p. 217).

Essa perspectiva evidencia que os símbolos presentes nas histórias, como a maçã envenenada, o espelho mágico ou a floresta sombria, não surgem de maneira aleatória, mas são manifestações de arquétipos que acompanham a humanidade há milênios. Eles comunicam à criança, de forma intuitiva, questões existenciais como o medo da perda, o desejo de aceitação, a busca por autonomia e o enfrentamento do mal.

Além da dimensão psicológica, os contos de fadas possuem também uma função social e educativa. Capellini, Machado e Sade (2015) destacam que as narrativas tradicionais podem ser empregadas como recursos pedagógicos eficazes, especialmente na educação inclusiva. Em sua pesquisa, as autoras demonstram que os contos favorecem o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da socialização, inclusive entre crianças com deficiência intelectual. Assim, fica evidente que a literatura infantil, quando bem explorada, transcende o aspecto lúdico e oferece um espaço de inclusão, expressão e aprendizagem múltipla.

No campo da crítica literária, Terry Eagleton (2006) defende a ideia de que a definição de literatura não está na sua origem, mas na forma como é recebida pelos leitores. Ele argumenta que “O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o

consideram”. (Eagleton, 2006, p. 13).

Com isso, reconhece-se que obras tradicionalmente vistas como pertencentes ao “imaginário infantil”, como é o caso de “Branca de Neve”, possuem mérito literário e potencial interpretativo significativo. A análise desses textos, portanto, não apenas é válida no campo acadêmico, como também necessária para a compreensão da formação simbólica e cultural da infância.

Maria Tatar (1987) reforça essa perspectiva ao afirmar que as histórias dos Irmãos Grimm, entre outras narrativas tradicionais, carregam significados complexos que ultrapassam o universo infantil. Para a autora, “Essas histórias contêm elementos que refletem as complexidades da experiência humana, indo além de meras narrativas infantis”. (Tatar, 1987, p. 37).

Ao incorporar temas como inveja, vaidade, ambição, medo e superação, os contos de fadas permitem que a criança tenha contato com realidades internas e externas que nem sempre podem ser verbalizadas, mas que encontram eco nas experiências ficcionais.

Jean-Marie Apostolidès (1997) contribui com essa leitura ao enfatizar que os contos de fadas não apenas refletem, mas também moldam as estruturas sociais e culturais. Para ele “Os contos de fadas estabelecem padrões culturais e são responsáveis por perpetuar mitos sobre comportamento social, identidade de gênero e relações de poder”. (Apostolidès, 1997, p. 89).

A literatura infantil, portanto, não é neutra: ela comunica, ensina, normatiza e também pode transformar. As histórias que as crianças ouvem e leem colaboram para a construção do que se entende como “normal”, “aceitável” ou “desejável” dentro de uma sociedade.

Nesse sentido, a literatura infantil simbólica deve ser abordada não apenas como um produto cultural, mas como uma ferramenta pedagógica potente. A escola, ao incorporar contos de fadas em suas práticas educativas, tem a oportunidade de promover leituras críticas, interdisciplinares e reflexivas, incentivando os alunos a questionar, interpretar e ressignificar os símbolos que os cercam.

A importância desse trabalho está, portanto, em reconhecer o poder formativo da literatura infantil e destacar a necessidade de olhá-la com mais profundidade e seriedade. Contos como “Branca de Neve” não são apenas histórias para dormir: são estruturas simbólicas carregadas de significados que colaboram para moldar o modo como as crianças percebem o mundo, a si mesmas e os outros.

Em síntese, a literatura infantil como expressão simbólica atua em múltiplas dimensões do desenvolvimento humano: psíquica, emocional, social, cultural e pedagógica. Ao unir tradição e crítica, mito e reflexão, fantasia e realidade, os contos de fadas continuam a desempenhar um papel insubstituível na formação do imaginário da infância. Compreender essas narrativas e seus símbolos é compreender, em parte, como somos formados e como podemos formar as futuras gerações de maneira mais consciente, inclusiva e humana.

#### 2.4.1 A função simbólica da literatura infantil na formação da subjetividade

A partir do que foi exposto até aqui, é possível compreender que a literatura infantil, especialmente por meio dos contos de fadas, atua como um espaço simbólico privilegiado para o desenvolvimento da subjetividade da criança. Sua linguagem metafórica permite a abordagem de temas que seriam, de outro modo, inacessíveis à consciência infantil, oferecendo caminhos narrativos que possibilitam à criança reconhecer, nomear e simbolizar sentimentos e conflitos internos.

É nesse contexto que se reafirma o poder formativo do conto de fadas: ele não ensina de maneira direta, mas por identificação e projeção simbólica. Como afirma Rowe (1979), essas narrativas constroem estruturas inconscientes que contribuem para a elaboração de papéis sociais e identidades. Segundo a autora, “O conto de fadas é um texto social que ajuda a naturalizar certos comportamentos esperados de meninas e meninos” (Rowe, 1979, p. 238).

Dessa forma, o conto tanto pode reforçar estereótipos como também pode ser ressignificado — e esse é o papel da mediação crítica no ambiente escolar.

Nesse sentido, cabe à educação promover leituras que ultrapassem a simples repetição das histórias tradicionais. Ao oferecer espaços de escuta, diálogo e interpretação simbólica, o professor colabora ativamente para que os alunos percebam os múltiplos sentidos de uma mesma narrativa e desenvolvam um olhar mais questionador. Como defende Zipes (2002), o ato de contar histórias pode ser revolucionário quando transforma ouvintes passivos em sujeitos críticos, capazes de refletir sobre os significados implícitos nas tramas.

Esse olhar pedagógico sobre os contos, portanto, exige sensibilidade para perceber as necessidades emocionais e simbólicas da infância, bem como consciência de que os textos literários não são neutros. Eles carregam visões de mundo, valores, ideologias — e por isso merecem ser trabalhados com profundidade e criticidade. A escola, ao valorizar a literatura infantil como arte e como ferramenta de desenvolvimento humano, reconhece a criança como

sujeito de cultura, portadora de saberes e experiências que podem ser mobilizadas por meio do contato com os símbolos e arquétipos presentes nos contos.

Além disso, a literatura simbólica também contribui para o desenvolvimento da empatia e da imaginação, habilidades fundamentais na formação de sujeitos sensíveis e éticos. Quando uma criança se coloca no lugar da heroína perseguida, do anão acolhedor ou mesmo da vilã frustrada, ela vivencia múltiplas perspectivas e amplia sua compreensão sobre o outro. Esse exercício de deslocamento é essencial para a construção de relações mais humanas, justas e respeitadas.

Por fim, cabe destacar que o caráter simbólico dos contos de fadas não se limita à infância. Como observa Tatar (1987), essas narrativas permanecem vivas porque dialogam com questões universais da condição humana. A criança que hoje se encanta com a jornada de Branca de Neve ou com a transformação da Cinderela é a mesma que, na vida adulta, continuará a buscar sentido em histórias — nas mais diversas formas narrativas — como forma de elaborar sua existência. O simbólico, portanto, é um fio que atravessa todas as fases do desenvolvimento e que tem, na literatura, uma de suas expressões mais potentes.

Diante disso, reafirma-se a relevância do estudo da literatura infantil como objeto de reflexão teórica e prática pedagógica. Investigar os contos de fadas sob uma perspectiva simbólica é, portanto, um exercício não apenas acadêmico, mas também ético, pois propõe uma educação mais consciente, crítica e sensível às complexidades da infância.

## **2.5 Os símbolos presentes em Branca de Neve**

O conto *Branca de Neve*, eternizado pelos Irmãos Grimm, é uma das narrativas mais simbólicas da tradição ocidental. Nele, cada elemento carrega significados profundos que operam como metáforas do crescimento psíquico, moral e emocional da criança. Esses símbolos conduzem a trama e falam diretamente ao inconsciente infantil, organizando sentimentos internos que muitas vezes não são compreendidos de forma racional.

Segundo Bruno Bettelheim “Os contos de fadas ajudam a criança a dar sentido à sua própria vida interna e externa, fornecendo-lhe imagens simbólicas para suas ansiedades e desejos”. (Bettelheim. 2002, p. 24).

Essa perspectiva é especialmente evidente em *Branca de Neve*, onde diversos elementos narrativos funcionam como representações simbólicas das etapas da individuação e dos conflitos internos enfrentados ao longo do desenvolvimento humano.

Um dos símbolos mais poderosos da história é a maçã envenenada, oferecida pela Rainha Má. Para Bettelheim “A maçã representa uma tentação atraente que leva à perda da inocência, sendo um símbolo da transição da infância para a maturidade”. (Bettelheim, 2002, p. 216).

O fato de a maçã ser bela por fora e mortal por dentro ilustra a ideia de que nem tudo o que parece inofensivo é seguro, um aprendizado fundamental para a formação do juízo moral. A ingestão da maçã marca a queda da heroína, mas também simboliza o despertar para a complexidade do mundo.

Outro símbolo central é o espelho mágico, que responde à pergunta da Rainha: “espelho, espelho meu, existe no mundo alguém mais bela do que eu?”. Este objeto pode ser compreendido, à luz da psicologia analítica, como símbolo da consciência do ego. Jung afirma que “O espelho reflete a imagem que o sujeito deseja ver, revelando os conflitos entre o eu idealizado e o eu real”. (Jung, 1964, p. 219).

No caso da Rainha, o espelho é a projeção de seu narcisismo e insegurança, funcionando como um mecanismo de validação e de frustração. O espelho não mente: ele revela a ameaça que a juventude de Branca de Neve representa à soberania da beleza da Rainha.

A floresta, para onde Branca de Neve foge após escapar do caçador, simboliza o inconsciente, o desconhecido e o caos necessário para a transformação. Jung (1964) define esse espaço simbólico como “O local onde o ego perde seu controle e é confrontado com suas sombras”. (Jung, 1964, p. 221).

Na narrativa, a floresta é ao mesmo tempo assustadora e acolhedora, nela, a protagonista encontra refúgio e, ao mesmo tempo, é desafiada a sobreviver por conta própria. Esse percurso representa, simbolicamente, o início do processo de individuação.

Os sete anões também desempenham papel simbólico relevante. Segundo Bettelheim “Os anões representam o mundo do trabalho e da responsabilidade. Eles introduzem Branca de Neve em uma nova fase de sua vida, na qual ela deve contribuir, obedecer regras e encontrar estabilidade”. (Bettelheim, 2002, p. 218).

Embora figuras secundárias, os anões cumprem a função arquetípica de guias ou protetores, permitindo que a heroína desenvolva aspectos mais maduros de sua personalidade. O número sete, por sua vez, carrega uma simbologia universal ligada à totalidade e ao ciclo do tempo, sugerindo uma jornada de completude.

Outro momento de forte carga simbólica é o sono profundo que sucede a mordida na maçã. Bettelheim interpreta esse sono como uma forma de “Morte simbólica necessária para o renascimento psíquico”. (Bettelheim, 2002, p. 219).

O repouso no caixão de vidro não é o fim da trajetória da protagonista, mas sim uma fase de transição, um rito de passagem que antecede sua transformação final. Jung corrobora essa ideia ao afirmar que “O adormecer da consciência é um processo natural na jornada da individuação; a psique precisa se recolher para se reorganizar”. (Jung, 1964, p. 224).

O renascimento de Branca de Neve, simbolizado pelo beijo do príncipe, também pode ser lido de forma simbólica, não como dependência amorosa, mas como metáfora do retorno à vida, à consciência e ao mundo, agora com nova sabedoria. O príncipe, nesse contexto, funciona como um catalisador da transformação, permitindo que a heroína retome seu lugar de direito após ter enfrentado a morte simbólica. Maria Tatar observa que “Os elementos mágicos e simbólicos dos contos de fadas são recursos para falar de realidades que não podem ser ditas de forma direta à criança”. (Tatar, 1987, p. 37).

Essa afirmação reafirma a importância dos símbolos em *Branca de Neve*: eles não existem para adornar a história, mas para comunicar verdades profundas sobre a vida, a dor, o amadurecimento e a superação.

Por fim, é necessário destacar o simbolismo da própria Rainha Má, que representa além da vilania clássica, aspectos sombrios da psique humana como: a inveja, a vaidade, o medo de perder o controle. Jung nomeia essa figura como “A ‘sombra’, explicando que ‘ela é a personificação de tudo aquilo que o ego recusa a reconhecer em si mesmo” (Jung, 1964, p. 213).

Para a criança, a Rainha pode representar os impulsos negativos com os quais ela também se depara, oferecendo uma forma segura de lidar com essas emoções por meio da narrativa.

Dessa forma, a leitura simbólica de *Branca de Neve* evidencia a profundidade psicológica e cultural desse conto. Seus elementos constroem uma narrativa envolvente e também funcionam como dispositivos que permitem à criança elaborar simbolicamente questões internas fundamentais. Como reforça Bettelheim “As histórias de fadas falam mais à mente inconsciente do que à racional, e é por isso que são tão duradouras”. Bettelheim, 2002, p. 21).

Compreender esses símbolos e sua função formadora é essencial para que a literatura infantil seja valorizada além entretenimento, como um espaço de elaboração subjetiva, de aprendizado emocional e de formação do pensamento simbólico. *Branca de Neve*, portanto, é muito mais do que um conto de fadas tradicional: é um espelho simbólico do crescimento humano, acessível às crianças e ainda significativo para os adultos.

## 2.6 Gênero, representação feminina e sociedade no conto *Branca de Neve*

Os contos de fadas exercem forte influência sobre a maneira como as crianças constroem sua percepção do mundo e de si mesmas. Em *Branca de Neve*, elementos simbólicos e estruturas narrativas reforçam modelos de comportamento feminino que se alinham a ideais tradicionais de beleza, passividade e submissão. A análise dessas representações permite compreender como o conto contribui para a consolidação de papéis de gênero no imaginário infantil.

Karen Rowe observa que “As heroínas são recompensadas não por suas ações, mas por sua aparência física e por sua passividade”. (Rowe, 1979, p. 239).

Essa dinâmica está evidente na trajetória de Branca de Neve. Sua beleza é apresentada como virtude central e sua atitude diante dos conflitos é marcada por silêncio, obediência e espera. A personagem não age, mas é levada pelos acontecimentos, como se estivesse à mercê do destino. Essa representação fortalece a ideia de que a virtude feminina está ligada à docilidade e ao conformismo.

A construção simbólica da personagem oposta, a Rainha Má, intensifica esse contraste. Ela é ativa, decidida, determinada. Sua punição final sugere que essas características são incompatíveis com o ideal de feminilidade transmitido pelo conto. Maria Tatar afirma que “As mulheres más nos contos de fadas são quase sempre figuras de autoridade, e essa autoridade é retratada como uma ameaça que precisa ser eliminada”. (Tatar, 1987, p. 45).

Em *Branca de Neve*, essa polarização está claramente representada. As mulheres são classificadas de acordo com sua conformidade ou desvio em relação às expectativas patriarcais. Essa estrutura simbólica empobrece as possibilidades de identificação das leitoras, ao limitar as figuras femininas a papéis extremos e moralmente fixos.

Jack Zipes (2002) argumenta que as versões populares dos contos foram adaptadas para promover uma moral conservadora. Ele afirma que “As histórias que hoje conhecemos como contos de fadas foram domesticadas por editores e instituições culturais para promover uma moralidade conservadora e conformista” (Zipes, 2002, p. 36).

A narrativa de Branca de Neve, com seu final idealizado e centrado no casamento, reforça esse processo de domesticação simbólica. A recompensa da heroína é o casamento com o príncipe, elemento que consagra o ideal tradicional da mulher que é “completa” apenas ao lado de um homem.

Jean-Marie Apostolidès destaca que “Os contos de fadas estabelecem padrões culturais e são responsáveis por perpetuar mitos sobre comportamento social, identidade de gênero e relações de poder”. (Apostolidès 1997, p.89).

Esses padrões operam de forma simbólica e silenciosa. A repetição de determinados enredos reforça normas que, com o tempo, passam a ser vistas como naturais. Crianças em processo de formação absorvem esses modelos e os reproduzem sem questionamento.

A estrutura do conto oferece pouca margem para autonomia feminina. Branca de Neve é passiva diante da perseguição da madrasta, dependente dos cuidados dos anões e totalmente inativa no momento em que é salva. Sua redenção ocorre através do beijo do príncipe, sem qualquer atitude própria. Zipes (2011) considera que, embora os contos sejam produtos culturais marcados por seu tempo, podem ser reinterpretados criticamente. “Os contos de fadas têm potencial revolucionário, desde que sejam reinterpretados e ressignificados à luz de novas experiências sociais”. (Zipes, 2011, p. 42).

O espelho da Rainha, um dos elementos simbólicos centrais da narrativa, atua como metáfora da autoimagem e da validação externa. A Rainha depende do julgamento do espelho para se afirmar. A perda dessa validação motiva sua violência. O conto transmite a ideia de que a identidade feminina está sujeita à aprovação de um padrão externo e rígido. Esse tipo de simbolismo continua atual, considerando o impacto de padrões estéticos sobre as mulheres na contemporaneidade. Maria Tatar afirma que “Os contos de fadas, ainda que antigos, continuam a ecoar temas universais, adaptando-se às ansiedades e aspirações de cada geração”. (Tatar, 1987, p. 40).

A leitura crítica do conto permite identificar esses padrões e problematizá-los. O ambiente escolar, ao abordar a literatura infantil com intencionalidade formativa, pode transformar essas histórias em instrumentos de reflexão. A comparação entre versões tradicionais e contemporâneas do conto, por exemplo, possibilita que estudantes reflitam sobre as mudanças nos papéis de gênero ao longo do tempo. Essa prática amplia o olhar sobre as representações simbólicas e contribui para a formação de leitores mais conscientes.

O conto *Branca de Neve* reflete e reforça estruturas simbólicas de gênero que operam em diversas esferas da sociedade. A análise dessas representações revela a importância de uma mediação crítica, capaz de oferecer novas possibilidades de interpretação e identificação. Trabalhar com esses textos no contexto educativo significa formar leitores atentos aos discursos simbólicos e sensíveis às múltiplas formas de ser e existir no mundo.

### 2.6.1 A influência das representações simbólicas de gênero no imaginário infantil

As representações simbólicas presentes nos contos de fadas não se restringem ao campo da ficção ou da fantasia. Elas atravessam gerações, moldando valores, comportamentos e

expectativas sociais desde a infância. A força dessas narrativas reside no fato de que operam de maneira simbólica e silenciosa, fixando imagens e modelos nos quais meninas e meninos aprendem a se enxergar e a se relacionar com o mundo.

As personagens femininas presentes em contos tradicionais, como princesas dóceis e frágeis, ou bruxas más e invejosas, participam ativamente da construção do que se entende por “feminino” em uma determinada cultura. Essas figuras simbólicas ilustram enredos e também representam papéis sociais que se tornam referência para a formação da identidade de gênero. Como afirma Apostolidès “Os contos de fadas participam da normalização dos papéis sociais, tornando o simbólico um instrumento de controle social”. (Apostolidès, 1997, p. 91).

Na infância, essa influência é ainda mais significativa. Durante os primeiros anos de vida, a criança forma sua compreensão de mundo por meio de imagens, sons e experiências simbólicas. A literatura infantil, nesse contexto, ocupa um lugar central. O contato repetido com histórias em que mulheres são recompensadas por sua beleza e obediência, enquanto figuras femininas poderosas são punidas, contribui para a internalização de padrões desiguais e estereotipados. Essas narrativas moldam a autoestima, os desejos e os limites de atuação percebidos pelas meninas.

Jack Zipes (2002) defende que o discurso simbólico da literatura infantil não é neutro, mas profundamente ideológico. “Os contos de fadas são instrumentos culturais moldados por interesses sociais e, por isso, refletem e reforçam os valores dominantes de uma época”. (Zipes, 2002, p. 39).

Dessa forma, ao analisar as mensagens implícitas em contos tradicionais, torna-se evidente que muitos deles atuam como dispositivos de manutenção de uma ordem social centrada em hierarquias de gênero.

O espaço escolar tem o potencial de romper com essa lógica naturalizada. A escola, como lugar de mediação cultural, pode promover experiências de leitura que incentivem a análise crítica dos discursos simbólicos e a ampliação das possibilidades de identificação. A mediação literária, quando intencional, permite que a criança perceba a narrativa como construção, e não como espelho fixo da realidade. Como afirma Maria Tatar “A leitura crítica dos contos de fadas oferece às crianças ferramentas para compreender a literatura como um campo de conflito e não como uma verdade universal”. (Tatar, 1987, p. 49).

Essa leitura crítica, no entanto, não se limita à análise do texto em si. Ela inclui a reflexão sobre os impactos subjetivos e sociais dos símbolos presentes nas narrativas. A proposta pedagógica precisa considerar como essas imagens atuam sobre a formação da criança.

Nesse sentido, é essencial que educadores e educadoras estejam atentos ao conteúdo simbólico que veiculam, incentivando seus alunos a questionar, reinterpretar e até reescrever os contos.

A reconstrução simbólica dos papéis de gênero pode ser promovida por meio de releituras contemporâneas dos contos de fadas. Existem diversas obras infantis que revisitam essas histórias clássicas sob uma ótica crítica, apresentando personagens femininas com maior autonomia, voz ativa e pluralidade de experiências. Trabalhar com essas versões contribui para o desenvolvimento de um imaginário mais igualitário, em que meninas e meninos possam se reconhecer em papéis diversos, para além dos arquétipos fixos da princesa e do herói.

Karen Rowe sugere que a introdução de novas formas de representação nos contos pode “Subverter estruturas tradicionais e abrir caminhos para a emergência de um imaginário feminino mais livre”. (Rowe, 1979, p. 245).

A infância, por ser um período altamente simbólico, oferece terreno fértil para esse tipo de intervenção. Ao problematizar os estereótipos e promover novas narrativas, a escola contribui para a formação de sujeitos mais críticos, conscientes e autônomos.

Refletir sobre os papéis de gênero a partir das representações simbólicas nos contos de fadas não se trata de negar a importância dessas narrativas, mas de reconhecer sua influência e intervir de forma responsável. O objetivo não é excluir os contos tradicionais, mas sim ampliá-los, colocando-os em diálogo com as transformações sociais e com os debates contemporâneos sobre identidade, equidade e diversidade.

A formação do imaginário infantil é uma das tarefas mais delicadas do processo educativo. Ela exige sensibilidade, escuta e disposição para rever certezas. Ao transformar os contos de fadas em espaços de reflexão simbólica e crítica, educadores possibilitam que novas histórias possam ser contadas, histórias em que o feminino não esteja restrito à passividade ou à beleza, mas que abracem a complexidade, a força e a diversidade das experiências humanas.

### **3 O IMAGINÁRIO INFANTIL E SUA CONSTRUÇÃO**

#### **3.1 A formação do imaginário na infância**

O imaginário infantil é um espaço simbólico que se desenvolve a partir das experiências vividas pela criança e das influências culturais às quais está exposta. Piaget (1998) afirma que, nos estágios iniciais do desenvolvimento, a criança estrutura sua percepção do mundo com base na fantasia e na experiência concreta, sendo a imaginação um recurso essencial para lidar com situações que ainda não compreende de maneira lógica. Nesse contexto, os contos de fadas

assumem um papel fundamental, pois oferecem narrativas carregadas de significados que permitem à criança organizar ideias e construir sentido para suas vivências.

Segundo Vygotsky (1998), a imaginação infantil é resultado da interação social, sendo moldada pelas relações com adultos, pares e pela cultura. Ele ressalta que o contato com histórias simbólicas, como os contos de fadas, amplia as possibilidades de criação e interpretação, uma vez que a criança internaliza valores e normas sociais a partir dessas narrativas. Dessa forma, o imaginário não se limita à fantasia individual, mas reflete elementos da realidade social, traduzidos para uma linguagem compreensível à infância.

Bettelheim (2002) defende que os contos possibilitam à criança lidar com conflitos internos de forma simbólica. Para o autor, esses textos apresentam problemas existenciais comuns – como medo, inveja, solidão e desejo de aceitação – de maneira acessível e segura. Ao se identificar com personagens e enredos, a criança encontra modelos para enfrentar dificuldades, o que contribui para sua formação emocional. Assim, o imaginário infantil é, ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e um mecanismo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante é que o imaginário não apenas diverte, mas cumpre uma função adaptativa. Ao brincar com as possibilidades que as histórias oferecem, a criança elabora medos e ansiedades, transformando-os em experiências controláveis (JUNG, 1964). Nesse sentido, os contos de fadas atuam como mediadores simbólicos, permitindo que a criança compreenda os limites entre fantasia e realidade, fortalecendo a estruturação da personalidade.

### 3.1.1 O papel da narrativa simbólica na subjetividade

A narrativa simbólica presente nos contos de fadas exerce influência direta sobre a formação da subjetividade infantil, pois possibilita a construção de significados que orientam comportamentos e percepções. Bettelheim (2002) destaca que os contos são “espelhos simbólicos” nos quais a criança projeta sentimentos e desejos, elaborando-os por meio da fantasia. Essa mediação narrativa permite que a criança viva, de forma simbólica, situações que na vida real poderiam ser angustiantes, como a perda, a rejeição ou o enfrentamento do perigo.

Carl Gustav Jung (1964), ao abordar os arquétipos, afirma que os contos de fadas são expressões puras do inconsciente coletivo, contendo imagens universais que se repetem em diferentes culturas. Elementos como a floresta sombria, a madrasta invejosa e a maçã envenenada em “Branca de Neve” são exemplos de símbolos que dialogam com medos e desejos universais. A criança, ao entrar em contato com essas imagens, não apenas compreende

a narrativa, mas vivência experiências emocionais que contribuem para sua organização psíquica.

A função pedagógica dos contos também é amplamente reconhecida. Capellini, Machado e Sade (2015) afirmam que essas narrativas favorecem o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da socialização, sendo um recurso essencial para o processo educativo. Quando mediadas de forma crítica, permitem à criança refletir sobre valores e relações sociais, contribuindo para uma formação mais consciente e ética. Nesse sentido, a literatura infantil deve ser entendida como um instrumento de construção cultural e não apenas como entretenimento.

É importante destacar que a construção da subjetividade por meio das narrativas simbólicas não ocorre de maneira passiva. A criança interpreta as histórias a partir de sua vivência e contexto, atribuindo significados próprios. Essa autonomia interpretativa reforça o caráter ativo do imaginário infantil, que não se limita a reproduzir os símbolos, mas os ressignifica continuamente (Costa, 2021). Assim, o contato com os contos de fadas é uma experiência dinâmica, capaz de articular emoções, conhecimentos e valores que acompanharão a criança ao longo da vida.

## **3.2 Contos de fadas na educação**

### **3.2.1 A utilização pedagógica dos contos de fadas**

A literatura infantil ocupa um papel fundamental no processo educativo, sendo reconhecida como um recurso que vai além do entretenimento, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Entre os diversos gêneros literários, os contos de fadas se destacam pela sua capacidade de trabalhar com elementos simbólicos que dialogam com os conflitos internos da infância, permitindo a elaboração de sentimentos, medos e expectativas (Bettelheim, 2002). Essas histórias possibilitam que a criança compreenda, de forma acessível, valores éticos e morais importantes para a vida em sociedade.

No contexto pedagógico, os contos de fadas podem ser utilizados para estimular a criatividade, a oralidade e a leitura interpretativa. De acordo com Capellini, Machado e Sade (2015), essas narrativas podem favorecer a inclusão escolar, uma vez que permitem adaptações para crianças com necessidades educacionais especiais, auxiliando no desenvolvimento da linguagem e da imaginação. Além disso, os contos são recursos eficazes para o trabalho

interdisciplinar, podendo ser explorados em atividades de artes, teatro e produção textual, ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa.

Outro aspecto relevante é que os contos de fadas incentivam a formação do hábito de leitura, aproximando as crianças do universo literário de maneira prazerosa. Vygotsky (1998) destaca que a mediação cultural é essencial para o desenvolvimento infantil, e a leitura compartilhada de histórias cumpre essa função ao estimular interações sociais e interpretações coletivas. Portanto, a presença dos contos no ambiente escolar não deve ser vista apenas como um momento lúdico, mas como uma prática pedagógica planejada, que contribui para a formação integral do aluno.

### 3.2.2 A mediação crítica e a desconstrução de estereótipos

Apesar da relevância dos contos de fadas, é necessário reconhecer que essas narrativas, em sua forma tradicional, carregam padrões sociais e representações que nem sempre correspondem aos princípios de igualdade e diversidade da sociedade atual. Autores como Rowe (1979) e Zipes (2011) alertam para a reprodução de estereótipos de gênero, nos quais as personagens femininas, em geral, são retratadas como frágeis, dependentes e passivas, enquanto os personagens masculinos aparecem como heróis salvadores. Essa estrutura simbólica, quando não problematizada, pode reforçar desigualdades e limitar as possibilidades de identificação das crianças.

Nesse sentido, torna-se indispensável uma mediação crítica por parte dos educadores. A leitura dos contos deve ir além da interpretação literal, incentivando reflexões sobre os valores implícitos nas narrativas. É possível, por exemplo, propor atividades que questionem os papéis das personagens, que discutam os conceitos de beleza, poder e justiça presentes nos textos e que relacionem esses aspectos à realidade contemporânea (Tatar, 1987). Essa abordagem contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, permitindo que a criança compreenda a literatura como construção cultural e histórica.

As releituras contemporâneas dos contos de fadas oferecem excelentes oportunidades para esse trabalho pedagógico. Produções literárias e cinematográficas atuais vêm subvertendo os papéis tradicionais, apresentando protagonistas femininas mais independentes e enredos que valorizam a cooperação, a coragem e a autonomia. Ao explorar essas versões em sala de aula, o professor pode promover um diálogo entre tradição e modernidade, estimulando debates sobre mudanças sociais, diversidade e respeito às diferenças (Zipes, 2002).

O uso pedagógico dos contos de fadas deve estar aliado a uma proposta educativa consciente, que reconheça tanto o potencial simbólico dessas narrativas quanto os riscos da

manutenção acrítica de estereótipos. Quando trabalhados de forma planejada e reflexiva, os contos se tornam instrumentos eficazes para a formação de leitores críticos, capazes de compreender os múltiplos sentidos da literatura e de construir uma visão mais justa e plural da realidade.

### **3.3 Adaptações contemporâneas e impactos culturais**

#### **3.3.1 A influência da mídia nas releituras dos contos**

Os contos de fadas, originalmente transmitidos pela tradição oral e depois registrados em textos literários, atravessaram os séculos, adaptando-se às transformações socioculturais. No século XX, com a expansão da indústria cultural, essas narrativas ganharam novas formas por meio do cinema, da televisão e, mais recentemente, das plataformas digitais. A versão de “Branca de Neve” produzida pela Disney em 1937 é um exemplo emblemático dessa transposição midiática. Considerada o primeiro longa-metragem de animação da história, a obra consolidou um padrão de representação das personagens e de enredo que influenciou a percepção popular sobre os contos (ZIPES, 2002).

A adaptação da Disney atenuou os elementos mais sombrios da versão original dos Irmãos Grimm, conferindo à narrativa um tom mais leve e adequado ao público infantil da época. Essa alteração reflete as exigências culturais do período, marcadas por valores moralistas e pela idealização da família tradicional (Warner, 1994). Desde então, a indústria cinematográfica tem revisitado esses contos, mantendo alguns arquétipos e reformulando outros para atender às expectativas contemporâneas de entretenimento e consumo.

Com o avanço da tecnologia e das mudanças sociais, surgiram releituras que problematizam os papéis tradicionais das personagens. Filmes como *Branca de Neve e o Caçador* (2012) apresentam uma protagonista mais ativa, que participa de batalhas e desafia a imagem da heroína passiva. Essas adaptações não apenas atualizam o enredo, mas também dialogam com debates contemporâneos sobre empoderamento feminino e diversidade (Carter, 1979). Nesse sentido, as releituras midiáticas evidenciam que os contos de fadas não são estáticos, mas sim narrativas dinâmicas que se reconfiguram conforme os valores de cada época.

#### **3.3.2 Representações femininas nas versões modernas**

As representações femininas nos contos de fadas sempre foram alvo de críticas por reforçarem estereótipos de gênero. Em versões tradicionais, a mulher é retratada como submissa, dependente e valorizada apenas por sua beleza, enquanto os personagens masculinos assumem o papel de heróis, protetores e provedores (Rowe, 1979). Essa estrutura narrativa não é neutra; ela reflete e perpetua padrões culturais que influenciam a formação do imaginário infantil e, conseqüentemente, a construção das identidades de gênero (Apostolidès, 1997).

As adaptações contemporâneas, em muitos casos, têm buscado desconstruir essas representações, apresentando protagonistas femininas mais autônomas e com maior protagonismo na resolução dos conflitos. Em *Branca de Neve e o Caçador* (2012), por exemplo, a personagem deixa de ser a figura passiva que aguarda o príncipe para assumir um papel ativo na luta contra a antagonista. Essa mudança dialoga com movimentos sociais que reivindicam maior equidade de gênero e questionam papéis femininos tradicionais.

Além do cinema, a literatura também apresenta releituras críticas dos contos clássicos. A obra *The Bloody Chamber* (1979), de Angela Carter, é um marco nesse processo, pois ressignifica histórias tradicionais sob uma perspectiva feminista, abordando temas como autonomia, sexualidade e poder (Carter, 1979). Essas narrativas contemporâneas contribuem para a ampliação das possibilidades de identificação das crianças e jovens, oferecendo modelos mais plurais e democráticos de gênero.

Portanto, as representações femininas nas versões modernas de “Branca de Neve” revelam um movimento de transformação cultural. Embora ainda existam adaptações que reproduzem estereótipos, é crescente a produção de conteúdos que questionam normas e promovem imagens mais complexas e realistas da mulher. Esse processo é fundamental para que as novas gerações tenham contato com narrativas que reflitam valores de igualdade, diversidade e autonomia, fortalecendo uma educação mais crítica e inclusiva.

### 3.4 A psicologia por trás da simbologia

#### 3.4.1 Arquétipos e inconsciente coletivo

A interpretação simbólica dos contos de fadas tem sido objeto de estudo na psicologia, especialmente na perspectiva junguiana. Para Carl Gustav Jung (1964), essas narrativas representam manifestações do inconsciente coletivo, isto é, uma camada da psique que abriga imagens arquetípicas universais. Segundo o autor, os arquétipos são padrões simbólicos herdados que estruturam a experiência humana e se expressam em mitos, lendas e contos. Assim, personagens como a madrasta, o príncipe e a heroína, presentes em “Branca de Neve”, não são meros elementos ficcionais, mas representações de forças psíquicas fundamentais.

O arquétipo da heroína, associado à personagem Branca de Neve, simboliza a pureza, a vulnerabilidade e o processo de amadurecimento. Sua trajetória, marcada pela perseguição, pelo exílio e pela superação, pode ser compreendida como um rito de passagem que conduz à individuação, conceito que Jung (1964) define como a integração dos aspectos conscientes e inconscientes da personalidade. A madrasta, por sua vez, representa a “sombra”, arquétipo que incorpora os impulsos rejeitados pelo ego, como a inveja, a ambição e o desejo de poder.

Outro símbolo relevante é o espelho mágico, que, sob a ótica psicológica, reflete a busca incessante por validação externa e a fragilidade do ego diante da perda de controle. Esse objeto, recorrente em diferentes narrativas, expressa o conflito entre a aparência idealizada e a realidade, tema que ressoa com questões contemporâneas sobre identidade e autoestima (Bettelheim, 2002). A maçã envenenada, por sua vez, pode ser vista como um símbolo da tentação e da transição para a maturidade, representando os desafios que marcam o processo de crescimento.

Os elementos simbólicos de “Branca de Neve” não se limitam ao plano narrativo; eles constituem estruturas psíquicas universais que permitem à criança compreender, de forma inconsciente, questões fundamentais da existência. Esse caráter arquetípico explica a permanência e a força dos contos de fadas na cultura, pois eles traduzem conflitos internos em imagens acessíveis e carregadas de significado.

### 3.4.2 Função terapêutica dos contos de fadas

Além da dimensão simbólica, os contos de fadas possuem uma função terapêutica, especialmente no desenvolvimento emocional da criança. Bettelheim (2002), em *A psicanálise dos contos de fadas*, defende que essas histórias auxiliam no enfrentamento das ansiedades infantis, oferecendo modelos narrativos que possibilitam a elaboração simbólica dos conflitos internos. Ao se identificar com os personagens, a criança projeta seus medos e desejos, vivenciando-os em um ambiente seguro, onde as dificuldades sempre encontram soluções positivas.

Segundo Bettelheim (2002), o poder terapêutico dos contos está na forma como abordam temas universais – como morte, perda, rivalidade e amadurecimento – sem recorrer a explicações diretas ou moralistas. Em vez disso, essas questões são apresentadas de maneira simbólica, permitindo que a criança as interprete de acordo com seu estágio de desenvolvimento emocional. Essa abordagem preserva a autonomia interpretativa, favorecendo um processo interno de compreensão e fortalecimento do ego.

A teoria psicanalítica também aponta que os contos funcionam como “ensaios de vida”, pois simulam situações de perigo e superação que ajudam a criança a desenvolver resiliência. Ao acompanhar a jornada da heroína ou do herói, ela internaliza a ideia de que os desafios podem ser vencidos com coragem e inteligência, fortalecendo sua autoestima e promovendo um aprendizado emocional significativo (Bettelheim, 2002).

Essa função terapêutica, entretanto, não se restringe à infância. Como observa Jung (1964), os símbolos presentes nas narrativas permanecem significativos ao longo da vida, pois dialogam com experiências existenciais que se renovam em diferentes fases do desenvolvimento humano. Dessa forma, os contos de fadas não apenas acompanham a criança no processo de individuação, mas também oferecem aos adultos a possibilidade de reflexão sobre seus próprios dilemas internos.

### 3.5 A intertextualidade nos contos de fadas

#### 3.5.1 Intertextualidade e ressignificação literária

A intertextualidade é um recurso essencial da literatura contemporânea, pois possibilita que textos dialoguem entre si, criando novos sentidos a partir de narrativas já conhecidas. Segundo Kristeva (1969), todo texto é um mosaico de citações, resultado da interação entre discursos anteriores. No caso dos contos de fadas, a intertextualidade ocorre com frequência, uma vez que essas histórias são recontadas, adaptadas e ressignificadas em diferentes contextos culturais e temporais, preservando sua essência simbólica, mas atribuindo-lhes novas interpretações.

As releituras intertextuais não apenas atualizam as tramas, mas também questionam os valores presentes nas versões tradicionais. Ao modificar características de personagens ou alterar desfechos, as novas narrativas promovem reflexões sobre temas sociais, culturais e psicológicos. Para Zipes (2006), essa prática amplia a relevância dos contos de fadas, pois permite que eles continuem significativos, dialogando com as inquietações de cada geração. Assim, a intertextualidade é um mecanismo que mantém viva a tradição, ao mesmo tempo em que rompe com paradigmas cristalizados.

A intertextualidade também é vista como um recurso pedagógico, pois possibilita análises comparativas entre textos, estimulando a interpretação crítica. Ao confrontar versões diferentes de um mesmo conto, os leitores são convidados a identificar alterações simbólicas e temáticas, compreendendo que a literatura é uma construção social e histórica. Isso contribui para a formação de sujeitos reflexivos e questionadores, capazes de perceber como as narrativas atuam na constituição de imaginários e identidades.

#### 3.5.2 Branca de Neve e suas releituras culturais

O conto “Branca de Neve”, originalmente registrado pelos Irmãos Grimm no século XIX, é um exemplo notável de narrativa que atravessou fronteiras culturais por meio da intertextualidade. A versão clássica apresenta uma heroína passiva, cuja salvação depende da intervenção masculina, reforçando padrões de feminilidade tradicionais (Rowe, 1979). No entanto, adaptações contemporâneas, como *Branca de Neve e o Caçador* (2012), subvertem essa lógica, atribuindo à personagem características de liderança e protagonismo. Esse deslocamento narrativo revela como as releituras intertextuais acompanham as transformações sociais, especialmente no que se refere às relações de gênero.

Além das produções cinematográficas, a intertextualidade está presente em obras literárias que questionam a estrutura tradicional dos contos de fadas. Angela Carter, em *The Bloody Chamber* (1979), reinterpreta essas narrativas sob uma perspectiva feminista, inserindo temas como sexualidade e poder. Essas releituras não apenas problematizam os estereótipos, mas também expandem a compreensão da função simbólica dos contos, revelando sua capacidade de ressignificação diante das demandas culturais.

O universo dos quadrinhos e das séries televisivas também contribui para a revitalização de “Branca de Neve”. Produções como *Once Upon a Time* exploram os personagens clássicos em enredos complexos, nos quais heróis e vilões assumem papéis ambíguos. Essas abordagens demonstram que os contos de fadas permanecem como fonte inesgotável para a criação artística, adaptando-se aos meios contemporâneos e consolidando-se como patrimônio cultural vivo.

A intertextualidade, portanto, atua como um elo entre tradição e modernidade, permitindo que narrativas como “Branca de Neve” continuem exercendo impacto no imaginário coletivo. Por meio de releituras que dialogam com questões sociais atuais, esses contos reafirmam sua relevância simbólica e educativa, fortalecendo sua função como instrumento de reflexão cultural e crítica social.

### 3.6 Contos de fadas e questões de gênero na educação

#### 3.6.1 A influência das narrativas no comportamento social

Os contos de fadas, apesar de sua aparência lúdica e ingênua, são portadores de discursos simbólicos que influenciam a construção social dos papéis de gênero. Segundo Rowe (1979), essas narrativas tradicionalmente apresentam modelos femininos associados à beleza, passividade e dependência, enquanto atribuem aos personagens masculinos as características de coragem, força e protagonismo. Essa estrutura simbólica atua como um mecanismo de socialização, reforçando padrões hierárquicos que se perpetuam de geração em geração.

Branca de Neve é um exemplo evidente dessa lógica. Na versão clássica dos Irmãos Grimm, a heroína é descrita como pura e submissa, sendo recompensada pela sua docilidade, enquanto a Rainha Má, personagem ativa e ambiciosa, é punida de forma cruel (Tatar, 1987). Essa polarização, que opõe a “mulher boa” à “mulher má”, contribui para consolidar estereótipos de comportamento feminino. A valorização da beleza como principal atributo da protagonista e a centralidade do casamento como desfecho feliz reforçam expectativas sociais que limitam a autonomia da mulher (Apostolidès, 1997).

Esses padrões não são neutros, pois impactam diretamente a formação da identidade infantil. As crianças internalizam os papéis apresentados nos contos e, muitas vezes, reproduzem essas normas em suas brincadeiras e relações interpessoais. Como observa Zipes (2002), os contos de fadas funcionam como instrumentos ideológicos, moldando concepções de gênero e naturalizando desigualdades. Por essa razão, é fundamental que essas narrativas sejam mediadas de forma crítica no contexto educativo, a fim de evitar a cristalização de estereótipos que comprometem a equidade social.

#### 3.6.2 Educação para a equidade: estratégias pedagógicas

Diante da influência simbólica dos contos de fadas na construção dos papéis de gênero, cabe à escola desenvolver práticas pedagógicas que promovam uma leitura crítica dessas narrativas. A mediação do professor deve ir além da contação tradicional, incentivando o questionamento sobre as representações presentes no texto. Discussões sobre o protagonismo feminino, a valorização da diversidade e a crítica aos padrões estéticos são estratégias eficazes para problematizar os estereótipos e fomentar reflexões sobre igualdade (Rowe, 1979).

Uma das formas de trabalhar essa temática é por meio de atividades comparativas entre

versões clássicas e releituras contemporâneas. Produções literárias e audiovisuais recentes apresentam personagens femininas mais autônomas e multifacetadas, rompendo com a imagem da heroína passiva. Ao propor análises intertextuais, o professor possibilita que os alunos percebam as mudanças nos discursos sociais ao longo do tempo, desenvolvendo um olhar crítico sobre as relações de gênero (Zipes, 2006).

Outra estratégia pedagógica consiste em estimular a produção criativa a partir das histórias tradicionais. Reescrever os contos com finais alternativos ou inverter os papéis das personagens são práticas que ampliam as possibilidades de identificação das crianças e contribuem para a construção de um imaginário mais inclusivo. Além disso, essas atividades favorecem o desenvolvimento da expressão escrita e oral, promovendo a integração entre aprendizagem linguística e formação cidadã (Tatar, 1987).

A educação para a equidade de gênero exige uma postura ativa por parte dos educadores, que devem reconhecer os contos de fadas como dispositivos culturais carregados de significados e, portanto, passíveis de ressignificação. Ao transformar essas narrativas em ferramentas de reflexão crítica, a escola cumpre um papel essencial na desconstrução de preconceitos e na formação de sujeitos conscientes, capazes de compreender e respeitar as múltiplas formas de existência.

### **3.7 A linguagem simbólica na construção da moralidade infantil**

#### **3.7.1 Função moral dos contos tradicionais**

Os contos de fadas, desde sua origem, desempenham um papel pedagógico implícito, transmitindo normas sociais e valores que orientam a convivência humana. Ao apresentar enredos que opõem o bem ao mal, a generosidade à maldade e a humildade à soberba, essas narrativas contribuem para a formação moral das crianças, oferecendo modelos simbólicos de comportamento (Bettelheim, 2002). A linguagem simbólica presente nos contos atua como mediadora entre a realidade e a fantasia, permitindo que conceitos abstratos sejam assimilados de forma concreta e acessível.

Na versão tradicional de “Branca de Neve”, por exemplo, o enredo reforça lições sobre honestidade, solidariedade e humildade, enquanto condena atitudes como inveja e vaidade, representadas pela Rainha Má. Essa oposição clara entre virtudes e vícios cumpre a função de orientar as escolhas da criança, sem recorrer a explicações moralistas explícitas. Segundo Tatar (1987), a força educativa dos contos está no caráter implícito de suas mensagens, que são absorvidas pela criança por meio da emoção e da identificação com os personagens, em vez de pela imposição de regras.

Os contos de fadas proporcionam uma vivência simbólica dos conflitos existenciais, permitindo que a criança compreenda a lógica das consequências. Personagens que agem com bondade são recompensados, enquanto aqueles que praticam injustiças sofrem punições. Esse recurso narrativo contribui para o desenvolvimento do senso de justiça, um dos pilares da moralidade. Como destaca Bettelheim (2002), a criança aprende que a vida envolve desafios, mas que a perseverança e as virtudes podem conduzir à superação e ao equilíbrio.

#### **3.7.2 A ética nos contos de fadas e a formação de valores**

A ética nos contos de fadas vai além da simples distinção entre certo e errado; ela se articula na construção de valores que orientam a vida em sociedade. Essas narrativas oferecem um repertório simbólico que auxilia a criança a lidar com sentimentos ambíguos, como medo, ciúme e desejo, transformando-os em experiências elaboradas por meio da fantasia. Ao vivenciar simbolicamente as situações de perigo e de superação dos protagonistas, a criança internaliza conceitos éticos que fortalecem sua capacidade de tomar decisões (Jung, 1964).

A formação de valores, mediada pelos contos, está diretamente relacionada à

interpretação ativa que a criança faz da história. Vygotsky (1998) afirma que o aprendizado é um processo social e que a interação com textos simbólicos amplia a compreensão sobre normas e comportamentos. Dessa forma, a narrativa não atua de maneira isolada; ela se torna mais eficaz quando acompanhada de práticas pedagógicas que incentivem a reflexão, o diálogo e a análise crítica.

Com isso, os contos de fadas assumem uma função estratégica no campo educacional, pois combinam entretenimento e aprendizado ético, favorecendo a construção de uma consciência moral. Contudo, é necessário que a mediação ocorra com sensibilidade, evitando leituras reducionistas e abrindo espaço para interpretações que considerem a diversidade cultural e a pluralidade de valores da sociedade contemporânea. Ao adotar essa perspectiva, a escola contribui para a formação de cidadãos mais éticos, reflexivos e empáticos.

### **3.8 Tecnologia, mídia e o futuro dos contos de fadas**

#### **3.8.1 A digitalização das narrativas infantis**

O avanço tecnológico transformou significativamente a forma como as narrativas literárias são consumidas, especialmente pelos públicos infantil e juvenil. Com a popularização dos dispositivos digitais, os contos de fadas, antes restritos ao formato impresso e à contação oral, passaram a circular em e-books, aplicativos interativos e plataformas de streaming. Essa transposição para o ambiente digital amplia as possibilidades de acesso, permitindo experiências multimodais que combinam texto, imagem, som e interatividade (Chartier, 2014).

A digitalização dos contos não se limita a uma simples mudança de suporte. Ela implica alterações na forma de leitura e na relação do leitor com a narrativa. Aplicativos de leitura infantil, por exemplo, incorporam recursos de áudio, animações e jogos que tornam a experiência mais dinâmica e atraente. Contudo, como observa Lévy (2010), essas mudanças também geram desafios, como a dispersão da atenção e a diminuição da leitura linear, aspectos que podem impactar a profundidade interpretativa e o desenvolvimento da imaginação.

No caso específico de “Branca de Neve”, há inúmeras adaptações digitais disponíveis em plataformas como YouTube, que apresentam versões resumidas ou animadas da história. Embora esses conteúdos mantenham elementos centrais da narrativa, muitas vezes simplificam a complexidade simbólica original, privilegiando a estética e a rapidez da comunicação. Essa tendência revela a necessidade de uma mediação crítica no uso dessas ferramentas, de modo a preservar a função literária e educativa dos contos no contexto contemporâneo.

### 3.8.2 Redes sociais e a permanência dos arquétipos

As redes sociais desempenham papel fundamental na ressignificação dos contos de fadas na atualidade. Plataformas como TikTok, Instagram e YouTube não apenas divulgam releituras das narrativas clássicas, mas também criam conteúdos inspirados em seus personagens e símbolos. Essa circulação intensifica a permanência dos arquétipos, mesmo em formatos extremamente fragmentados, como vídeos curtos ou memes, evidenciando a força simbólica desses elementos na cultura digital (Santaella, 2018).

Apesar das mudanças na forma e na linguagem, observa-se que os contos de fadas continuam exercendo influência sobre a construção de identidades e padrões de comportamento, agora mediada por processos de hiperconectividade. A figura da princesa, por exemplo, permanece como referência estética e aspiracional em diversos conteúdos digitais, embora muitas produções contemporâneas procurem desconstruir esse modelo, apresentando personagens mais empoderadas e plurais (Zipes, 2012). Esse movimento de tensionamento entre tradição e inovação revela que os contos de fadas mantêm sua relevância simbólica, mesmo em meio à efemeridade das redes sociais.

O futuro dessas narrativas, portanto, não aponta para o desaparecimento, mas para a constante adaptação às novas mídias e aos discursos sociais emergentes. Essa permanência demonstra a capacidade dos contos de fadas de se reinventarem, preservando sua função de mediar experiências humanas por meio da linguagem simbólica, ainda que em formatos e contextos radicalmente distintos dos originais.

### **3.9 O papel dos contos de fadas na formação da identidade infantil**

#### **3.9.1 A identidade como construção simbólica**

A formação da identidade infantil é um processo complexo, que envolve fatores biológicos, sociais e culturais. A literatura, especialmente por meio dos contos de fadas, exerce um papel significativo nessa construção, pois oferece narrativas que ajudam a criança a compreender a si mesma e ao mundo. Para Vygotsky (1998), a interação com os textos e as práticas sociais possibilita a internalização de valores, normas e representações que compõem a estrutura identitária. Nesse sentido, os contos de fadas funcionam como instrumentos mediadores, fornecendo modelos simbólicos que orientam comportamentos e expectativas.

Bruno Bettelheim (2002) destaca que os contos não apenas entretêm, mas ajudam a criança a lidar com seus conflitos internos, oferecendo soluções simbólicas para problemas existenciais. Através das histórias, as crianças vivenciam, de forma imaginária, situações de medo, insegurança, rivalidade e superação, elementos que contribuem para o fortalecimento do ego e a construção do autoconceito. A heroína Branca de Neve, por exemplo, representa a inocência que, mesmo diante das adversidades, encontra caminhos para a sobrevivência e a felicidade, transmitindo a ideia de esperança e resiliência.

Outro aspecto importante é que a identidade não se constrói isoladamente, mas em diálogo com o coletivo. Os contos reforçam vínculos sociais ao transmitir costumes, crenças e valores de determinada cultura. Como observa Eagleton (2006), a literatura é um reflexo e, ao mesmo tempo, um formador da realidade social, pois apresenta modelos de comportamento que são absorvidos e reinterpretados pelos indivíduos. Essa dinâmica contribui para que a criança compreenda papéis sociais, limites éticos e possibilidades de ação no mundo.

#### **3.9.2 Personagens como espelhos: identificação e projeção na infância**

Os personagens dos contos de fadas funcionam como espelhos nos quais as crianças projetam seus desejos, medos e expectativas. Essa identificação é essencial para o desenvolvimento emocional, pois permite que elas experimentem, de maneira simbólica, desafios próprios do crescimento. Jung (1964) afirma que os arquétipos presentes nas narrativas – como o herói, a madrasta e o sábio – representam estruturas psíquicas universais que facilitam o processo de individuação, auxiliando na integração entre os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade.

A heroína, geralmente associada à pureza e à bondade, constitui um modelo com o qual muitas crianças se identificam, aprendendo a valorizar qualidades como coragem e perseverança. Por outro lado, figuras como a madrasta e a bruxa permitem que sentimentos negativos, como inveja e raiva, sejam simbolicamente vivenciados, sem riscos para a realidade. Bettelheim (2002) ressalta que essa experiência simbólica ajuda a criança a reconhecer e controlar impulsos internos, favorecendo o equilíbrio emocional.

Além da dimensão psicológica, a identificação com personagens também influencia a construção da autoestima. Quando as crianças se veem representadas nas narrativas, sentem-se valorizadas e pertencentes a um universo cultural. No entanto, a ausência de diversidade nos contos tradicionais pode gerar sentimentos de exclusão, reforçando padrões de beleza e comportamento limitadores (Rowe, 1979). Por isso, torna-se fundamental promover releituras que contemplem personagens com diferentes características, garantindo que todas as crianças tenham referências positivas para sua formação identitária.

Assim, os contos de fadas cumprem uma função essencial no desenvolvimento infantil, oferecendo modelos simbólicos que ajudam a criança a elaborar sua subjetividade e a compreender sua posição no mundo. Essa contribuição, porém, deve ser constantemente revisitada, garantindo que as narrativas dialoguem com os princípios de diversidade e inclusão que orientam a educação contemporânea.

## 4 CONCLUSÃO

O percurso teórico e analítico empreendido ao longo deste trabalho permitiu uma imersão significativa na compreensão dos contos de fadas como dispositivos culturais, simbólicos e educacionais que ultrapassam a mera função de entreter. A análise da narrativa “Branca de Neve”, desde sua versão clássica dos Irmãos Grimm até releituras contemporâneas como a de Angela Carter em *A Filha da Neve* e a adaptação cinematográfica *Branca de Neve e o Caçador*, revelou um universo simbólico rico, permeado por representações sociais, morais, psicológicas e de gênero que dialogam intensamente com o processo de formação da subjetividade infantil e com os valores culturais das sociedades em que são (re)contados.

Percebe-se que, ao longo das décadas, os contos de fadas sofreram significativas transformações, tanto em sua linguagem quanto em seus propósitos. Inicialmente, as histórias apresentavam uma oralidade crua, com elementos de violência, sexualidade e punições severas, que refletiam o imaginário coletivo de tempos mais austeros. Com o advento da literatura infantil, essas narrativas passaram por um processo de “adoçamento” que buscava adaptá-las à sensibilidade das crianças e às exigências morais e pedagógicas dos adultos. Contudo, como demonstrado, o valor simbólico essencial dessas histórias permaneceu, sustentando sua função arquetípica e sua capacidade de falar diretamente ao inconsciente, como demonstram autores como Bettelheim (2002), Jung (2000) e Campbell (2007).

A análise da personagem Branca de Neve, especialmente, revelou-se fértil para a compreensão da construção de papéis femininos idealizados. Na versão dos Grimm, a jovem princesa representa a pureza, a passividade e a beleza como virtudes máximas, sendo constantemente comparada e ameaçada por uma figura feminina madura e ativa — a madrasta. Tal oposição encarna os arquétipos da “boa moça” e da “mulher perversa”, refletindo uma visão binária da feminilidade. Já em *A Filha da Neve*, Angela Carter desconstrói essas categorias, promovendo uma narrativa que desvela o erotismo, o desejo masculino e a objetificação da figura feminina, oferecendo uma crítica potente ao patriarcado e às normas sociais que moldam a identidade da mulher desde a infância.

O filme *Branca de Neve e o Caçador*, por sua vez, proporciona uma ressignificação do conto clássico ao empoderar a personagem principal, convertendo-a de donzela indefesa em guerreira heroica. Essa abordagem contemporânea, que bebe da fonte de representações femininas mais autônomas, dialoga com os avanços sociais em relação à equidade de gênero e ao protagonismo das mulheres na cultura atual. A estética sombria e épica da narrativa, ao mesmo tempo em que atualiza elementos simbólicos, também preserva a dualidade entre o bem

e o mal e os desafios de crescimento pessoal que marcam o rito de passagem da personagem principal.

Foi possível observar como os contos de fadas permanecem vivos no imaginário social ao serem constantemente recriados, adaptados e ressignificados. A permanência dessas narrativas ao longo dos séculos deve-se à sua maleabilidade simbólica e à sua capacidade de se adaptar às demandas sociais de diferentes épocas. Conforme apontam estudiosos como Zipes (2002) e Warner (1994), os contos funcionam como espelhos culturais, refletindo e reforçando valores, normas e expectativas de cada sociedade.

A partir da abordagem simbólica, arquetípica e cultural, ficou evidente que os contos de fadas não são apenas recursos pedagógicos, mas verdadeiras ferramentas de formação subjetiva e social, promovendo reflexão sobre valores como justiça, coragem, inveja, medo, crescimento e transformação. Esse caráter multifacetado é o que garante sua potência formadora, sendo essencial sua presença em espaços educativos formais e não formais.

O estudo revelou que, para além de qualquer finalidade pedagógica, os contos de fadas constituem-se como arte literária, com valor estético, poético e filosófico. Eles provocam, encantam, assustam, ensinam e, sobretudo, fazem pensar. A riqueza de suas camadas simbólicas, quando lidas criticamente, permite a formação de sujeitos mais conscientes de si, de suas emoções e do mundo que os cerca. Portanto, reforça-se a importância de se incentivar o contato com os contos de fadas desde a infância, não apenas como forma de entretenimento, mas como exercício de imaginação, empatia e reflexão crítica, valorizando suas múltiplas possibilidades de leitura e interpretação.

A ressignificação dos contos de fadas também se mostra fundamental na superação de estereótipos e na promoção de representações mais plurais e inclusivas. Ao analisarmos personagens como a madrasta ou a própria Branca de Neve sob uma ótica mais crítica, é possível desconstruir a dicotomia maniqueísta entre o bem absoluto e o mal absoluto, revelando que as figuras femininas, tradicionalmente enquadradas como vilãs ou submissas, podem expressar conflitos internos, disputas de poder e desejo por autonomia. Essa abordagem contemporânea convida à reflexão sobre a complexidade do feminino, rompendo com padrões limitantes e promovendo uma leitura mais justa e sensível à diversidade das experiências humanas.

A utilização dos contos de fadas como recurso pedagógico possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais nos processos de ensino-aprendizagem. Ao lidar com questões como medo, perda, amadurecimento, inveja e superação, essas narrativas favorecem a alfabetização emocional e promovem o diálogo entre razão e

imaginação. Dessa forma, o uso dessas histórias nas salas de aula, em projetos de leitura ou mesmo em espaços terapêuticos, contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, como enfatizam autores como Abramovich (2000) e Coelho (2004), que defendem o conto como instrumento de mediação cultural e subjetiva.

Por fim, compreende-se que a leitura crítica e simbólica dos contos de fadas, especialmente quando apoiada por obras contemporâneas como as de Angela Carter e pelas produções audiovisuais recentes, pode ampliar a consciência crítica sobre temas urgentes como desigualdade, gênero, sexualidade e poder. Essas narrativas, ao serem revisitadas sob a ótica da literatura comparada, da psicanálise ou dos estudos culturais, ganham novas camadas de sentido e permanecem relevantes para os debates atuais. Assim, a permanência dos contos de fadas não se dá apenas pela tradição, mas pela sua inesgotável capacidade de espelhar a condição humana, de provocar inquietações e de inspirar transformações pessoais e coletivas.

Nesse sentido, é indispensável que os educadores, pesquisadores e leitores em geral estejam atentos às camadas simbólicas e ideológicas presentes nos contos de fadas, reconhecendo-os como instrumentos de cultura e não apenas como narrativas infantis ingênuas. A leitura crítica e consciente dessas histórias possibilita a desnaturalização de discursos normativos e a valorização de perspectivas plurais, promovendo o empoderamento dos sujeitos diante da linguagem e da cultura. Essa abordagem reforça a importância da literatura enquanto espaço de resistência, questionamento e formação cidadã, indo além do entretenimento.

Assim, este trabalho pretende não apenas contribuir para o estudo literário dos contos de fadas e suas releituras contemporâneas, como também incentivar a adoção de práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e dialógicas. Ao reconhecer o poder transformador da literatura, abre-se espaço para novas leituras, novas versões e novas vozes — capazes de recontar o mundo sob outras perspectivas. Dessa forma, encerra-se esta pesquisa reafirmando que os contos de fadas continuam vivos, mutáveis e indispensáveis na formação estética, ética e social de leitores de todas as idades.

## 5 REFERÊNCIAS

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. **Os contos de fadas e a construção social**. Paris: Gallimard, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em:

<https://we.riseup.net/assets/554718/A%2BPsican%C3%A1lise%2Bdos%2BContos%2Bde%2BFadas%2BBruno%2BBettelheim.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 2007. Disponível em:

<https://www.penguin.com.br/livro/o-heroi-de-mil-faces/9788528618227>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; MACHADO, Gislaine Marquini; SADE, Rossana Maria Seabra. **Contos de fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual**. 2015. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/282877334\\_Contos\\_de\\_fadas\\_recurso\\_educativo\\_para\\_crianças\\_com\\_deficiência\\_intelectual](https://www.researchgate.net/publication/282877334_Contos_de_fadas_recurso_educativo_para_crianças_com_deficiência_intelectual). Acesso em: 21 mar. 2025.

CARTER, Angela. *The Bloody Chamber*. London: Gollancz, 1979.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2014.

COSTA, Camila da Silva. **Contos de fadas e infância(s)**. 2021. Disponível em:

[https://www.academia.edu/50543676/Contos\\_de\\_Fadas\\_e\\_Inf%C3%A2ncia\\_s\\_](https://www.academia.edu/50543676/Contos_de_Fadas_e_Inf%C3%A2ncia_s_). Acesso em: 21 mar. 2025.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em:  
<https://www.martinsfontespaulista.com.br/teoria-da-literatura-uma-introducao-10390.aspx/p>.  
Acesso em: 21 mar. 2025.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. São Paulo: Editora 34, 2013. Disponível em:  
<https://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=962>. Acesso em: 21 mar. 2025.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KRISTEVA, Julia. **Semeiotiké: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

ROWE, Karen E. **Feminism and fairy tales**. *Women's Studies*, v. 6, n. 3, p. 237-257, 1979.  
Disponível em:  
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00497878.1979.9978487>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, Maria Aparecida da. **O conto de fadas e o desenvolvimento da criança**. 2018.  
Disponível em:  
<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/606>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SOUZA, Tamires de Oliveira. **Conto de fadas e desenvolvimento da criança: um ensaio**. 2020. Disponível em:  
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conto-de-fadas>. Acesso em: 21 mar. 2025.

TATAR, Maria. **The Hard Facts of the Grimms' Fairy Tales**. Princeton: Princeton University Press, 1987. Disponível em: <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691114699/the-hard-facts-of-the-grimms-fairy-tales>. Acesso em: 21 mar. 2025.

WARNER, Marina. **From the Beast to the Blonde: On Fairy Tales and Their Tellers**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994. Disponível em: <https://us.macmillan.com/books/9780374532338/fromthebeasttotheblonde>. Acesso em: 21 mar. 2025.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZIPES, Jack. **Breaking the Magic Spell: Radical Theories of Folk and Fairy Tales**. Lexington: University Press of Kentucky, 2002. Disponível em: <https://www.kentuckypress.com/9780813190303/breaking-the-magic-spell/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ZIPES, Jack. **Why Fairy Tales Stick: The Evolution and Relevance of a Genre**. New York: Routledge, 2006.

ZIPES, Jack. **The Irresistible Fairy Tale: The Cultural and Social History of a Genre**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2004.